

## IMAGENS DA INFÂNCIA EM *PRECISAMOS DE NOVOS NOMES*, DE NOVIOLET BULAWAYO<sup>1</sup>

Shirley de Souza Gomes Carreira

**Resumo:** O texto propõe a análise do romance *Precisamos de novos nomes*, da escritora zimbabuense NoViolet Bulawayo pelo viés da representação da infância. Embora não seja uma obra especificamente destinada a crianças e jovens, a autora promove uma leitura contundente da condição de vida de muitas crianças africanas no mundo contemporâneo. Sem apelar para a tradição tão presente nos povos africanos, Bulawayo cria uma narradora de dez anos que, apesar de ser ainda uma criança, é suficientemente capaz de compreender o mundo em que vive, descrevendo-o em toda a sua crueza e acalenta o sonho de emigrar para os Estados Unidos. O romance se divide entre a infância na África e a experiência da migração e convoca o leitor à reflexão sobre os conflitos gerados pela crise de pertencimento.

**Palavras-chave:** Infância. Migração. Pertencimento. *Precisamos de novos nomes*.

**Abstract:** The text proposes an analysis of the novel *Needs of New Names*, by Zimbabwean writer NoViolet Bulawayo, through the representation of childhood. Although it is not a work specifically aimed at children and young people, the author promotes a forceful reading of the living conditions of many African children in the contemporary world. Without appealing to the tradition so present in African peoples, Bulawayo creates a ten-year-old narrator who, despite being a child, is sufficiently capable of understanding the world in which she lives, describing it in all its rawness and cherishing the dream to emigrate to the United States. The novel is divided between childhood in Africa and the experience of migration and invites the reader to reflect on the conflicts generated by the crisis of belonging.

**Keywords:** Infancy. Migration. Belonging. *We need new names*.

---

1 Título em língua estrangeira: "Images of infancy in *We Need New Names*, by Noviolet Bulawayo"

## Introdução

Os lugares revisitados pela memória das experiências da infância continuam a ser alvo da literatura em geral, não apenas daquela destinada a crianças e adolescentes. Segundo Kurek, “não é ao tempo infantil que queremos retornar, nem a vida que tínhamos que queremos de volta, mas sim, queremos manter viva uma imagem potente que nos faz acreditar na possibilidade de um mundo diferente” (KUREK, 2008, p. 3). Para ele, as imagens da infância alimentam as utopias dos adultos, devolvendo-lhes os devaneios acerca do futuro. Há, entretanto, muitas infâncias (HEYWOOD, 2004), pois a experiência das crianças é diferente segundo as circunstâncias e a época em que vivem, conseqüentemente, há modos diferenciados de visitar a infância e, em muitas obras contemporâneas, esse mergulho no passado traz à baila questões que ecoam problemas vivenciados pelas crianças no mundo atual.

Não é incomum, portanto, encontrarmos relatos da infância em tempos de guerra, de conflitos que demandam ações humanitárias, de migrações voluntárias ou forçadas, em que o distanciamento da terra natal representa, muitas vezes, uma ruptura com as vivências infantis.

Os deslocamentos sempre fizeram parte da história humana. Entretanto, as migrações internacionais

contemporâneas, em grande parte, têm sido decorrentes das assimetrias das relações socioeconômicas vigentes em nível planetário, principalmente em consequência de conflitos políticos. Essa movimentação de migrantes pelo globo deu origem a uma vertente literária que Simon Harel (2003) e Pierre Ouellet (2005) denominam “escritura migrante”, ou seja, um conjunto de obras ficcionais de autores de origens diversas que escrevem sobre a experiência do deslocamento, da desterritorialização e do consequente processo de reterritorialização.

Nessas obras, é recorrente a presença de protagonistas que, situados em outros países e culturas, enfrentam a solidão, o estranhamento e uma crise identitária. Não raro, elas têm como protagonistas personagens ainda crianças cujas experiências tanto em seu país natal quanto no de acolhimento são traumáticas e marcadas pela insegurança.

Este trabalho tem por objetivo analisar imagens da infância em *Precisamos de novos nomes*, romance contemporâneo escrito originalmente em inglês por NoViolet Bulawayo, autora nascida no Zimbábue e atualmente radicada nos Estados Unidos. Nessa obra, a protagonista e narradora, Darling, relata a sua infância em um país não nomeado, porém identificável pela semelhança

entre os fatos narrados e a história política do Zimbábue, bem como a sua emigração para os Estados Unidos, onde passa a viver.

Dividido em duas partes que, respectivamente, se reportam ao período anterior e posterior à migração, o romance pode ser considerado uma apropriação contemporânea do *Bildungsroman*<sup>2</sup>, que designa um tipo de romance que acompanha o desenvolvimento da mente e do caráter do protagonista desde a infância até a idade adulta, em meio a uma turbulenta busca da identidade e do seu papel no mundo (ADATIYA, 2016, p. 48) e tem em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795), de Goethe, o seu modelo.

### **A infância no Paraíso**

Do século XIX, quando a visão da infância começou a mudar, até os dias de hoje, um longo caminho foi percorrido. Se antes a criança era vista como um adulto em miniatura (ARIÈS, 1981), passou a ter sua condição reconhecida, embora em uma posição marginalizada e passiva diante do mundo adulto, até que a sociologia da infância permitiu que fosse compreendida como sujeito e ator social de seu processo de socialização (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012).

---

2 Termo criado pelo filologista alemão Johann Karl Simon Morgenstern, no século XIX.

Ainda que haja fatores homogeneizadores entre as crianças, como características etárias semelhantes, há fatores de heterogeneidade que as diferenciam: classe social, gênero, etnia, raça, religião, local onde vive etc. Entre esses fatores a identidade étnica tem um papel importante. Segundo Abramowicz e Oliveira (2012), os indivíduos que nascem, aprendem e constroem o mundo dentro de uma mesma cultura, guardam entre si esta identidade. A identificação cultural é responsável pela construção de uma personalidade de base, moldada a partir dos valores básicos de uma determinada cultura.

Embora não se possa dizer que *Precisamos de novos nomes* seja um livro destinado especificamente a crianças e jovens, é pelo olhar infantil que a obra permite um vislumbre de como as crianças constroem e são construídas em suas infâncias. Darling, a protagonista, é uma menina de dez anos que, apesar de viver em condições miseráveis, busca dotar a sua infância de alegria.

A primeira parte do romance é marcada pelo que David Muecke (1995) classifica como ironia de situação, uma vez que o local onde Darling mora, um aglomerado de barracos de zinco na periferia da cidade, é denominado Paraíso. À medida que a história se desenvolve, o leitor descobre que

aquela comunidade fora formada quando seus habitantes tiveram suas casas destruídas por agentes do governo, como mostra a passagem a seguir:

Eles não vieram para o Paraíso. Vir significaria que escolheram. Que primeiro olharam para o sol, sentaram-se de pernas cruzadas, palitaram os dentes e ponderaram a decisão. Que tiveram tempo de olhar para os seus reflexos em espelhos compridos, talvez ajeitar o cabelo, apertar o cinto, verificar o relógio no pulso antes de olhar para a estrada vermelha e, finalmente, anunciar: Agora estamos prontos. Eles não vieram, não. Eles só apareceram. Apareceram um a um, dois a dois, três a três. Apareceram em fila indiana, feito formigas. Em enxames, feito moscas. Em ondas zangadas, como um mar triste. Apareceram no início da manhã, à tarde, na calada da noite. Apareceram com a poeira de suas casas esmagadas agarrada ao cabelo e à pele e às roupas, fazendo-os parecer saídos de outra vida. (BULAWAYO, 2014, p. 52)

A existência na comunidade reflete a miséria e o abandono vivenciados por crianças e adultos em muitos países que outrora foram colônias. Muito embora não seja mencionado no romance, o cenário onde a história se desenrola nessa primeira parte é claramente o Zimbábue. A própria autora menciona esse fato em sua entrevista a Sabine Pechel sobre a obra:

Escrevi o romance em um momento específico da história do meu país. História recente, devo dizer, quando o país estava se

desfazendo, devido ao fracasso da liderança. E dizendo “precisamos de novos nomes”, eu estava falando sobre a necessidade de nós, como pessoas, reimaginarmos, repensarmos, repensarmos nosso caminho, pensarmos sobre aonde estávamos indo. Precisávamos de novas formas de ver as coisas, novas maneiras de fazer as coisas, novas lideranças. Foi basicamente uma chamada para renovação. Mas não deve limitar-se ao Zimbábue. Eu acredito que é possível traduzir-se além das fronteiras. (BULAWAYO, 2015, tradução nossa)<sup>3</sup>

Assim, muito embora a autora tivesse em mente o seu próprio país, deixa claro que o mundo ficcional representa situações críticas do mundo real que não são restritas a um único país. Quando a antiga Rodésia do Sul conquistou a sua independência, em 1965, dando origem à República do Zimbábue, foi governada por uma minoria branca, gerando enfrentamentos que só cessaram em 1980, quando o partido ZANU- PF ganhou as eleições e Robert Mugabe tornou-se primeiro ministro. Entretanto, Mugabe se manteve no poder de 1987 a 2017, em uma ditadura de partido único. Conforme Carreira (2019) sinaliza, a primeira parte do romance se

---

3 “I wrote the novel at a specific time of my country’s history. Recent history, I should say, when the country was coming undone, due to failure of leadership. And by saying “we need new names” I was speaking for the need for us as a people to sort of re-imagine, rethink ourselves, rethink our way, think about where we were going. We needed new ways of seeing things, new ways of doing things, new leadership. It was basically a call for renewal. But it should not be conined to Zimbabwe. I believe you can translate across borders.” Available at: <https://www.dw.com/en/zimbabwean-author-noviolet-bulawayo-i-like-to-write-from-the-bone/a-18572543>. Accessed on: 2nd May 2021.

reporta ficcionalmente ao período de declínio do governo de Mugabe, em decorrência da reforma agrária que consistiu na estatização de grandes propriedades dos brancos, a fim de entregá-las a membros do seu partido. Como resultado desse desequilíbrio na distribuição de terras, à maior parte da população coube a parte das terras menos apropriadas para o cultivo. Essa decisão causou a queda da produção agrícola que levou à hiperinflação e à fome.

Nesse cenário, encontramos Darling e seus amigos de infância vivendo em extrema pobreza, lutando contra a fome e as mazelas que assolam os que vivem em tais condições. Os que chegaram deixaram para trás os poucos objetos que possuíam e pedaços da própria história. Da vida que tiveram restara apenas a memória:

[...] estamos aqui agora. Aqui no Paraíso, sem nada. E eles não tinham nada, exceto, é claro, memórias, as suas próprias e aquelas passadas que vieram de suas mães e das mães de suas mães. A memória de uma nação. Alguns apareciam com crianças nos braços. Muitos apareciam segurando crianças pelas mãos. As crianças pareciam perplexas; não entendiam o que estava acontecendo com elas. E os pais seguravam seus filhos junto ao peito e acariciavam suas cabeças empoeiradas e despenteadas com palmas endurecidas, parecendo consolá-los, mas na verdade não sabiam muito bem o que dizer. Aos poucos, as crianças desistiram

e pararam de fazer perguntas e só pareciam quase vazias, como se sua infância tivesse fugido e deixado apenas os ossos de sua sombra para trás. (BULAWAYO, 2014, p. 53)

No romance, há três capítulos apenas cujo relato é feito por um narrador de terceira pessoa e são exatamente os que, em um tom de monólogo, narram três momentos importantes da vida de Darling: a chegada ao Paraíso, a partida para os Estados Unidos e a condição do imigrante. Todos os outros são narrados pelo ponto de vista da protagonista.

No capítulo primeiro, intitulado “Chegada em Budapeste”, acompanhamos a ida de Darling e seus amigos a uma localidade vizinha para roubar goiabas. Ignoradas pelos adultos, elas vivem a esmo, livres para fazerem o que querem. As crianças que a acompanham – Bastard, Chipó, Godknows, Sbho e Stina – são seus companheiros constantes de brincadeiras. Apesar da proibição de atravessar a estrada Mizilikazi, o apelo da fome as impulsiona: “Tem goiabas para roubar em Budapeste, e neste momento eu morreria por umas goiabas. Não comemos nada esta manhã, e é como se alguém tivesse apanhado uma pá e cavado meu estômago, tirando tudo lá de dentro” (BULAWAYO, 2014, p. 7).

Em meio à animação dos amigos, Chipó é um contraste. Grávida, a menina de onze anos não consegue acompanhá-

los com a mesma rapidez. Seu estado gerou uma mudança de comportamento que incomoda a alguns dos colegas, como Bastard:

Bastard não gosta quando temos de parar de fazer alguma coisa por causa da barriga da Chipó. Chegou a tentar convencer a gente a parar de brincar com ela. Ela vai ter o bebê um dia, respondo, falando pela Chipó, porque ela não fala mais. Ela não é muda-muda; foi só a barriga começar a aparecer que parou de falar. Mas ainda brinca com a gente e faz todas as outras coisas e, se precisar muito dizer alguma coisa, usa as mãos. (BULAWAYO, 2014, p. 8)

Em sua inocência, seguem discutindo como o bebê fora parar na barriga de Chipó:

Por onde exatamente o bebê sai? Pelo mesmo lugar por onde ele entra na barriga. Como exatamente ele entra na barriga? Primeiro, a mãe de Jesus tem que colocar ele lá. Não, a mãe de Jesus não. Um homem tem que colocar ele lá, a minha prima Musa me disse. Bem, ela estava na verdade dizendo pra Enia, e eu estava lá, então ouvi. Então, quem colocou o bebê dentro dela? Como podemos saber se ela não diz? Quem colocou ele lá, Chipó? Fala, a gente não vai contar para ninguém. A Chipó olha para o céu. Tem uma lágrima em seu olho, mas é apenas uma pequena lágrima. (BULAWAYO, 2014, p. 8)

Enquanto se dirigem a Budapeste, encontram uma mulher com uma câmara rosa pendurada no pescoço e mastigando

algo que, embora as crianças desconhecessem, as fazia salivar. Quando a mulher atira ao lixo o que estava comendo, elas se surpreendem: “Nunca vimos ninguém jogar comida fora [...]”. A Chipo parece querer correr atrás e comer a coisa. A boca retorcida da mulher termina de mastigar e engole. Eu engulo com ela, minha garganta formigando” (BULAWAYO, 2014, p. 10).

A situação miserável em que as crianças se encontram não as impede de sonhar com outra vida. Ante o desleixo da mulher com quem conversa, Darling reflete “se eu morasse em Budapeste, ia lavar todo o meu corpo todos os dias e me pentear muito bem para mostrar que eu era uma pessoa real, vivendo num lugar real” (BULAWAYO, 2014, p. 10). Essa frase mostra a visão que a menina tem de si mesma, da sua invisibilidade social.

Quando a mulher começa a tirar fotos do grupo, ainda que não reflita explicitamente sobre isso, Darling parece compreender aos olhos dela eles são apenas seres exóticos. Com naturalidade, Bastard anuncia que, daqui a alguns anos, não vão mais roubar goiabas, mas coisas maiores de dentro das casas, o que, provavelmente, alguns adultos conhecidos faziam. Essa afirmação demonstra a descrença do menino em relação a um futuro melhor. Darling pensa de modo diferente: “Na verdade não estou preocupada com isso,

porque quando esse dia chegar não vou estar aqui; vou estar morando nos Estados Unidos com a tia Fostalina, comendo comida de verdade e fazendo coisas melhores do que roubar” (BULAWAYO, 2014, p. 12). Sbhó também tem os seus sonhos: “Eu vou me casar com um homem de Budapeste. Ele vai me levar para longe do Paraíso, para longe dos barracos e do Heavenway e da Fambeki e tudo mais” (BULAWAYO, 2014, p. 12). Stina lembra aos amigos que, quando ainda iam à escola, o professor Gono lhes dizia que era necessário estudar para ganhar dinheiro. Darling, uma vez mais, lhes fala dos seus planos de ir para os Estados Unidos, ao que Bastard replica imediatamente:

A América é longe demais, sua anã, diz Bastard. Eu não quero ir a nenhum lugar aonde tenha que chegar pelo ar. E se você chegar lá e descobrir que é um lugar de bosta e ficar presa e não puder mais voltar? Eu vou para Jo’burg, então, quando as coisas ficarem ruins, eu só preciso pegar a estrada e me mandar sem falar com ninguém; você tem que poder voltar de qualquer lugar para onde vai [...] Bem, vai mesmo, vai lá para aquela América trabalhar em asilos. É o que a sua tia Fostalina está fazendo enquanto a gente conversa. Neste momento ela está ocupada limpando o cocô de um velho enrugado que não consegue fazer nada sozinho, você acha que a gente nunca ouviu as histórias? (BULAWAYO, 2014, p. 15).

Darling sempre se refere aos Estados Unidos como “minha América”, reiterando a visão do país como um novo Eldorado, onde tudo dá certo. Há muito as crianças deixaram de frequentar a escola, porque ante a miséria que tomava conta do país, decidiram migrar e esse acaba por tornar-se o desejo mais comum dos habitantes da comunidade. O contato das crianças com os brancos havia lhes dado a certeza de que ocupavam um lugar periférico, do qual não poderiam escapar, a menos que partissem. Abramowicz e Oliveira sinalizam que,

a pobreza impacta a criança negra de maneira mais cruel e contundente do que a criança pobre e branca, já que a família negra vive com mais intensidade a desigualdade social. Mas não é só isso, a pobreza é atravessada pela raça, o que significa dizer que a raça é também explicativa da pobreza. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p. 50)

A precariedade com que vivem faz com que as crianças se tornem insensíveis diante de situações drásticas. No retorno de Budapeste, elas veem uma mulher enforcada em uma árvore e, instigadas por Bastard, apressam-se a retirar-lhe os sapatos, para vendê-los e comprar pão: “Todos nós viramos e seguimos o Bastard de volta para o mato, o cheiro estonteante de pão Lobels em toda a parte ao nosso redor agora, e então começamos a correr, então começamos a correr e rir e rir e rir” (BULAWAYO, 2014, p. 18).

Bulawayo não descreve a infância circundada por histórias orais, pela tradição e saberes ancestrais. Ela narra a crueza de uma existência marcada pelos efeitos da guerra, do embate pelo poder. Darling, como muitas das outras crianças, desconhece uma estrutura familiar normal. Seu pai, que tem um diploma de ensino superior, emigrara para a África do Sul em busca de trabalho, sua mãe fazia pequenos serviços para prover o mínimo de sustento, e, do avô, ela sabia apenas que fora morto pelos brancos “por alimentar e esconder os terroristas que estavam tentando recuperar o nosso país porque os brancos tinham roubado” (BULAWAYO, 2014, p. 19).

Em meio a esse cenário desolador, surgem figuras bizarras que, sob a fachada da religião, aproveitam-se da fragilidade dos que vivem na comunidade. Dentre eles, o Profeta Revelations Bitchington Mborro, que insiste em dizer que Darling incorporara o espírito do avô e tenta inutilmente exorcizá-lo:

Não gosto de ir à igreja [...] na última vez que eu fui, aquele doido do Profeta Revelations Bitchington Mborro me sacudiu e me sacudiu até eu vomitar coisas cor-de-rosa. Pensei que ia morrer de verdade [...] estava tentando tirar o espírito de dentro de mim; eles dizem que eu estou possuída, porque dizem que meu avô não foi enterrado direito

porque as pessoas brancas mataram ele durante a guerra por alimentar e esconder os terroristas que estavam tentando recuperar o nosso país porque os brancos tinham roubado [...] Ninguém sabe onde o corpo do meu avô está. Então, agora o pessoal da igreja diz que o espírito dele está dentro de mim e não vai sair até ele ser enterrado direito. O problema é que eu mesma nunca cheguei a ver ou sentir o espírito para saber se é verdade ou se as pessoas estão só mentindo, o que os adultos fazem às vezes porque são adultos. (BULAWAYO, 2014, p. 19)

O profeta metaforiza o impacto de pseudolíderes religiosos na África. Sua falta de intimidade com os textos bíblicos, assim como a verbosidade de que faz uso para manipular as pessoas são objetivamente expressas por Darling à medida que acompanha a reunião: “Agora o profeta Revelations Bitchington Mborro lê a sua Bíblia em inglês, embora pareça um menino da primeira série lendo. Se ele foi à escola, dá para dizer pelo modo como lê que deve ter sido um imbecil, até o Godknows sabe ler melhor” (BULAWAYO, 2014, p. 29). Darling atribui o pouco tempo em que o profeta se dedica à leitura ao receio de encontrar uma palavra que fosse incapaz de pronunciar.

Darling é uma menina perspicaz e não lhe passa despercebida a atitude abusiva do reverendo em relação às mulheres, como, por exemplo, homens trazem uma mulher à

força para que ele expulse o demônio que a habita. Mesmo com sua pouca idade, é capaz de ver que não há nada de sobrenatural nela e relata o modo como o reverendo lida com a situação:

O Profeta Revelations Bitchington Mborro reza pela mulher desse jeito, deitado em cima dela e chamando Jesus e gritando versículos da Bíblia. Coloca as mãos na barriga dela, nas suas coxas, em seguida coloca as mãos naquele lugar dela e começa a esfregar, rezando muito, como se houvesse algo de errado ali. (BULAWAYO, 2014, p. 42)

Cedo, Darling aprende que as mulheres estão em uma condição subalterna e que até mesmo seus corpos não lhes pertencem, ainda que sejam apenas crianças. Ao ver a cena protagonizada pelo reverendo e a suposta endemoniada, Chipó acaba por revelar que fora violada pelo próprio avô.

As crianças veem a sua miséria explorada por pessoas que fazem parte de uma ONG que trazem presentes e tiram muitas fotos de seus corpos sujos, cobertos de farrapos. Fazem fila para receber o que lhes dão com muito cuidado, pois sabem que “mesmo que eles estejam dando coisas, não querem encostar na gente nem que a gente encoste neles” (BULAWAYO, 2014, p. 40). Os presentes consistem em balas, uma peça de roupa e uma arma de brinquedo para cada um.

## Um dia, ela tivera uma casa

feita de tijolos, com uma cozinha, sala de estar e dois quartos. Paredes de verdade, janelas de verdade, pisos de verdade e portas de verdade e um chuveiro de verdade e torneiras de verdade e água corrente de verdade e uma privada de verdade onde você podia se sentar e fazer o que você quisesse. Tínhamos sofás de verdade e camas de verdade e mesas de verdade e uma tevê de verdade e roupas de verdade. Tudo de verdade. Agora tudo o que temos é esta caminha em cima de uns tijolos e estacas. (BULAWAYO, 2014, p. 46)

No barraco em que vivem desde que o pai as abandonara, a mãe de Darling recebe a visita de um homem, que se vai antes do amanhecer. No escuro, com a cabeça coberta, ela os ouve e se lembra de quando tudo era diferente. Tem receio de dormir e de sonhar com o dia em que a polícia e os tratores chegaram, destruindo sua casa.

As desventuras de Darling aumentam com o retorno do pai, depois de anos de ausência. É o seu primeiro contato com um aidético e ela se divide entre a necessidade de ajudar a mãe a cuidar dele e a raiva por ter retornado doente. O relato da primeira parte do livro mostra a face de uma África assolada pela miséria, pela doença e pelos conflitos raciais. A segunda parte focaliza os desafios impostos a uma criança que se vê obrigada a se adaptar a uma nova cultura.

## A infância na América

Migrar implica aceitar uma fratura incurável com a terra natal (SAID, 2003), bem como oscilar entre os próprios costumes e tradições e os de outro país. Desde muito pequena, a protagonista do romance acalentara a esperança de ir para os Estados Unidos. Dos tempos em que tinha acesso aos programas de televisão, Darling guardara impressões daquela que era a “sua” América: um lugar próspero, acolhedor, onde todos eram felizes. Entretanto, a distância entre o lugar idealizado e o lugar real faz com que o choque cultural comum aos imigrantes seja muito mais intenso. A terra que julgara ser o verdadeiro paraíso era fria e desconfortável:

Se não fosse o fato de as casas aqui terem calor dentro delas, acho que a esta altura teríamos todos morrido. Seríamos mortos por esta neve e o frio que vem com ela; não é o frio normal de que você pode simplesmente reclamar e depois ir fazer outras coisas. Não. Este frio não é assim. É o frio que faz parar a vida, frio que corta você ao meio e congela os seus ossos. Ninguém me falou deste frio quando eu estava vindo para cá. Se tivesse acontecido de alguém me puxar de lado e explicar o frio e sua história direito, não sei o que teria feito, se realmente teria entrado naquele avião e vindo pra cá. [...] É um frio que parece querer matar, como se dissesse, com sua

neve, que você devia voltar para o lugar de onde veio. (BULAWAYO, 2014, p. 133-134)

As crianças lá fora fazem bonecos de neve e Darling os compara aos *tokoloshes* de sua terra e pensa que, talvez, à noite ele comece a andar e fazer o mal. Ela não terá proteção, porque a tia Fostalina jogara fora o osso preso a um cordão que Vodloza havia amarrado em sua cintura antes de partir:

Alguns dias antes de eu ir embora, a Mãe me levou para o Vodloza, que me fez fumar alguma coisa numa cabaça, e espirrei e espirrei, e ele sorriu e disse: Os ancestrais são os seus anjos, eles vão levar você até a América. Depois, ele derrubou tabaco sobre a terra e disse pra alguém que eu não podia ver: Abra o caminho para o seu bezerro errante, você, Vusamazulu, pavimente os céus, convoque seus pais, Mpabanga e Nqabayezwe e Mahlathini, e empunhe suas poderosas lanças para limpar os caminhos e proteger a menina de espíritos das trevas em sua jornada. Entreguem-na àquela terra estranha onde vocês e aqueles antes de vocês nunca sonharam em pôr os pés.

A tia Fostalina a levava para viver com ela, o marido e o filho em Kalamazoo, Michigan. Como a maioria dos imigrantes, eles tinham um círculo de amizade composto por africanos residentes nos Estados Unidos, o que, a princípio, lhe dera certo conforto. Mas, ainda assim, Darling começa a perceber que aquele não era exatamente o lugar que imaginara.

Ao ver a tia exercitando-se na esteira, perseguindo o ideal de beleza que os comerciais de TV preconizam, Darling reflete sobre a diferença de valores e de oportunidades:

A tia Fostalina é bonita, mas eu acho a Mãe bem mais bonita; se ela tivesse nascido aqui, ia virar modelo ou algo assim. Mas o que eu vi é que algumas modelos não são bonitas de verdade, então nem sei o que elas estão fazendo na tevê; você olha pra elas andando na passarela e pensa, *Se você tivesse nascido no meu país seria uma pessoa comum, sua passarela seria a fronteira, onde você estaria vendendo coisas que nem a minha mãe.* (BULAWAYO, 2014, p. 136, grifo do autor)

Tudo lhe parecia diferente nessa nova terra. A tia e o tio Kojo mal conversavam, cada qual com seus interesses. O tio Kojo, quando não estava a reclamar da obsessão da esposa pelo excesso de preocupação com o físico, assistia a partidas de futebol. TK, o primo de Darling, é um adolescente obeso, agressivo e pouco sociável. Sentindo-se deslocada naquele país onde tanto desejara viver, Darling se recorda do que Mother of bones, a avó parterna, lhe dissera antes da partida, achando que jamais a veria de novo: “[...] que tipo de vida é essa quando todos nascem pra se espalhar por terras estrangeiras aos bandos que tipo de vida será que o país vai virar uma ruína?” (BULAWAYO, 2014, p. 136).

A crise de pertencimento evidencia-se em algumas passagens do texto, quando a protagonista, nostálgica, põe-se a recordar o modo de vida das pessoas em sua terra natal:

Se você vier até aqui onde eu estou e olhar pela janela, não verá homens sentados debaixo de um jacarandá em flor jogando damas. O Bastard e o Stina e o Godknows e a Sbhó não vão estar me chamando pra ir pra Budapeste. Você não vai nem mesmo ouvir um vendedor entoando os nomes de suas mercadorias e não vai ver ninguém jogando o jogo dos países ou correndo atrás de formigas voadoras. Algumas coisas só acontecem no meu país, e este aqui não é o meu país; não sei exatamente de quem ele é. Aquele garoto gordo, o TK, que em tese também é meu primo, mesmo que eu nunca tenha visto ele antes, diz, Isto é a América, mano, você não vai ver nada daquela merda africana aqui neste país do caralho. (BULAWAYO, 2014, p. 135)

Quando a família decide mudar-se para outra cidade, além das diferenças climáticas, Darling precisa enfrentar a discriminação racial e cultural. Para as crianças da escola que frequenta, ela é apenas um ser exótico, que causa estranhamento por sua aparência:

Quando cheguei a Washington, queria morrer. As outras crianças implicavam comigo por causa do meu nome, do meu sotaque, do meu cabelo, do jeito que eu conversava ou dizia coisas, do jeito que eu me

vestia, do jeito que eu ria. Quando implicam com você por causa de alguma coisa, primeiro você tenta consertar essa coisa para que as implicações parem, mas aquelas crianças malucas implicavam comigo por tudo, até mesmo as coisas que eu não tinha como mudar, e isso continuou acontecendo e continuou acontecendo até que no fim simplesmente tudo parecia errado dentro da minha pele, do meu corpo, das minhas roupas, da minha língua, da minha cabeça. (BULAWAYO, 2014, p. 149)

O *bullying* causa efeitos traumáticos em Darling, levando-a desejar ser outra pessoa. O fato de ser africana constitui um fardo, pois, no imaginário das outras crianças, a África equivale à ausência de civilização. O desejo de livrar-se do estigma da subalternidade e da dupla discriminação por ser imigrante e negra a levam à assimilação, ainda que, volta e meia, se sinta movida pela saudade evocada pelas lembranças dos amigos e familiares que deixara.

Com o tempo, descobre que a promessa que a tia Ihe fizera, de que um dia retornaria para visitar a mãe, não seria cumprida, pois é uma imigrante ilegal e se deixar o país, não poderá retornar:

Vou talvez só por duas semanas e depois volto, digo, mesmo que a tia Fostalina ainda esteja me ignorando. Ainda não é hora, Darling. Quando for a hora, você vai, ela finalmente diz, e vira mais uma página. Mas a

senhora disse que quando eu fizesse catorz...  
Menina, você não é filha do Obama, seu pai não é dono da Air Force One; ir para casa custa dinheiro. Além disso, você veio com um visto de turista, que já venceu; se você sair, pode dizer adeus para a América, diz a tia Fostalina. (BULAWAYO, 2014)

Se por um lado a memória da infância no Paraíso se mantém viva, por outro, sabe que o retorno significará permanecer na miséria. Ao contrário do que as outras crianças pensam, Darling é inteligente e perspicaz e sabe que a permanência nos Estados Unidos lhe dará a oportunidade de continuar os estudos e sair da invisibilidade que tanto a incomodava quando estava em seu país natal.

Quando chegou aos Estados Unidos, ainda escrevia cartas para os amigos e a mãe, mas nunca tivera coragem de contar como era a América real, como é possível observar na passagem a seguir:

[...] tomava cuidado para deixar certas coisas de fora também, por exemplo, o clima que era horrível [...] que a casa onde a gente morava não era nem um pouco parecida com as que a gente tinha visto na tevê quando éramos pequenos, como ela não era feita de tijolos mas de tábuas [...] e como quando chovia essas tábuas mofavam e cheiravam mal [...] como nas noites de verão tinha às vezes o pá-pá-pá de tiros na vizinhança [...] como tinha gente pobre que morava na rua, segurando cartazes para

pedir dinheiro. Eu deixava essas coisas de fora [...] porque elas me envergonhavam, porque faziam com que a América não se parecesse com a Minha América, aquela com a qual eu sempre tinha sonhado no Paraíso. (BULAWAYO, 2014, p. 167)

Apesar do frio e da má acolhida que tivera desde a sua chegada, sabia que precisava ficar, pois “tem comida para comer aqui [...] mas tem horas que não importa quanta comida eu coma, vejo que a comida não faz nada por mim, como se estivesse com fome pelo meu país e nada fosse resolver isso” (BULAWAYO, 2014, p. 138). Essa fome é uma forma de valorização das raízes, que antes Darling não manifestava.

Como a maioria das pessoas adultas que conhecera no Paraíso, a protagonista ansiara pela partida como uma tábua de salvação. Não havia mais nada para eles ali. Destituídos de seus lares, acossados pela fome e pela violência crescente, que assolava não apenas os brancos, mas também a maioria negra, só restara partir, romper laços, ignorar o passado vivido.

A decepção de Darling é sintetizada em um capítulo intercalar, escrito na forma de monólogo:

Como a América nos surpreendeu de início!  
Se você não estava feliz com o seu corpo,  
podia ir a um médico e dizer, por exemplo,  
Doutor, nasci no corpo errado, por favor,

me conserte [...] Observamos as pessoas enviando seus pais para longe, para serem cuidados por estranhos [...] Observamos coisas estranhas como essas, coisas que nunca tínhamos visto em nossa vida, e dissemos: Que tipo de país é este? [...] Como não estávamos em nosso país, não podíamos falar em nosso idioma [...] como não estávamos usando nosso idioma, dizíamos coisas que não queríamos dizer; o que realmente queríamos dizer, ficava dobrado dentro de nós [...] pelos vistos e passaportes, imploramos, nos desesperamos, mentimos, nos humilhamos[...] e quando chegamos à América, pegamos os nossos sonhos [...] e os pusemos de lado, não os perseguiríamos [...] não havia escola para nós [...] em vez de estudar, trabalhamos [...] abaixávamos a cabeça porque não éramos mais pessoas, éramos imigrantes ilegais. (BULAWAYO, 2014, p. 211-213)

Stina, um dos amigos de infância de Darling, costumava dizer que “deixar o seu país é como morrer, e quando você retorna é como um fantasma perdido voltando pra terra, andando por aí com um olhar ausente” (BULAWAYO, 2014, p. 143), ideia que assusta a protagonista. Para consolar-se, pensa que o Paraíso pode não ser mais o mesmo depois de tanto tempo, pois quase todos os amigos de infância emigraram, exceto Chipó.

Embora já esteja parcialmente adaptada à nova vida, Darling ainda não vê o país como seu. Fostalina ainda tem

dificuldade para expressar-se em inglês, o que fica claro na passagem em que Darling comenta a necessidade da tia de ligar para alguém de sua própria origem, que fale o mesmo idioma, sempre que algo diferente acontece:

Tem de contar a história pra alguém que sabe o que você quer dizer, que vai entender exatamente o que você diz, e que não é sua culpa mas da outra pessoa, alguém que sabe que o inglês é como uma imensa porta de ferro e você está sempre perdendo as chaves. (BULAWAYO, 2014)

Fostalina também se ressentida do fato de que os parentes parecem ignorar que ela se reveza entre dois empregos para fazer frente às despesas e telefonam sucessivamente pedindo dólares para comprar comida, porque tudo é pago em dólares e em rands sul-africanos. Quando não pedem dinheiro, ligam para dar más notícias, como a de um sobrinho que foi morto por um crocodilo ao atravessar um rio.

À medida que o romance se desenvolve, os contrastes se tornam mais evidentes para a protagonista e o seu desejo de retorno dá lugar ao conformismo e a certo descaso, a ponto de a mãe lhe telefonar após muitas semanas sem notícias:

Vejo que a América ensinou você a falar inglês com a sua mãe, e com esse sotaque. He-he-he, então você está tentando falar como os brancos, agora!, diz ela, e então começa a rir histericamente, e fica difícil saber se ela fala

sério ou não. Começo a chamá-la de maluca, mas paro a tempo e digo para mim mesma que é uma das coisas americanas que eu não quero fazer, então só reviro os olhos em vez disso. (BULAWAYO, 2014, p. 130)

A outra razão do contato era obter um posicionamento sobre um pedido para que Fostalina fizesse a compra de uma antena parabólica; pedido que Darling não tivera coragem de transmitir à tia, que chegara a casa exausta após a dupla jornada de trabalho.

Essa passagem do texto evidencia o fato de que os que ficaram na África continuavam a crer no estereótipo do American Dream. E, mais tarde, amaldiçoavam a terra que levava seus filhos para sempre:

Não queríamos dizer a eles que ainda não tínhamos documentos. E quando eles começaram a ficar inquietos e amaldiçoaram a América por ser o monstro ganancioso que engoliu seus filhos e suas filhas, que engoliu os filhos e filhas de outras terras e se recusou a cuspi-los, nós dissemos, Nós vamos muito em breve, vamos no próximo ano. E o próximo ano veio e nós dissemos, No próximo ano. Quando o próximo ano veio nós dissemos, No próximo ano com certeza. E quando o próximo ano com certeza veio nós dissemos, No próximo ano para valer. E quando o próximo ano para valer veio nós dissemos, Já vamos, vocês vão ver, esperem só. E os nossos pais esperaram e observaram, observaram que não fomos. Morreram

esperando, segurando em suas mãos secas  
fotos nossas encostados na Estátua da  
Liberdade. (BULAWAYO, 2014, p. 164-165)

Ao fim do romance, muitos anos se passaram e Darling, agora uma adolescente, assume o comportamento dos jovens americanos. Às vezes, a memória traz de volta as impressões da infância revestidas de uma aura de alegria que parece impossível aos olhos do leitor, devido às circunstâncias da vida na comunidade do Paraíso, porém compreensível, uma vez que o desejo do retorno constrói imagens idealizadas daquilo que realmente foi vivido, mas Darling sabe que já não é a mesma pessoa: “Uma parte tem saudade dos meus amigos, a outra não tem mais nenhum elo com eles, como se fossem desconhecidos. Me sinto um tanto culpada, mas dou um jeito de me livrar do sentimento” (BULAWAYO, 2014, p. 138).

O romance se encerra com a certeza da personagem de que o passado ficou aprisionado no momento da sua partida. Resta-lhe essa América, que, embora não seja a dos seus sonhos, tornou-se a única realidade possível.

### **Considerações finais**

Há muitas formas de representar a infância na literatura, permeadas pela fantasia ou pela realidade. Há quem veja na assimilação da protagonista de *Precisamos de novos nomes*

uma perpetuação da subalternidade, da ótica segregadora que até hoje impele atos de racismo. Entretanto, há também aqueles que veem uma mudança de ótica no fato da autora conceder voz a uma personagem que, apesar da pouca idade, demonstra inteligência e sagacidade, fazendo-a porta-voz de muitas das questões inerentes ao mundo contemporâneo, dentre elas a situação das crianças expostas à miséria, aos conflitos políticos e às agruras decorrentes dos deslocamentos.

As identidades são construídas dentre de determinados contextos sociais, econômicos, culturais e políticos (HALL, 2006). Assim, as construções discursivas sobre a identidade afetam os indivíduos, por vezes, gerando estigmas e perpetuando a subalternidade.

As crianças são especialmente afetadas pelos estigmas e estereótipos devido à identidade em formação. Nesse sentido, o romance de Bulawayo traz à baila uma oportunidade de reflexão não apenas sobre os fluxos migratórios e os impactos causados pelo choque entre culturas, mas principalmente sobre a condição da criança em circunstâncias adversas.

## Referências

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida S. *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, p. 47-64, 2012.
- ADATIYA, Chirag R. Chapter- 2 The Origin and Development of Bildungsroman Novels. In: ADATIYA, Chirag R. *A study of Sudhindra Nath Ghose's tetralogy of novels as bildungsroman*. Gujarat: 2016. p. 39-64. Available at: <https://shodhganga.inflibnet.ac.in/handle/10603/125836>. Accessed on: 2<sup>nd</sup> May 2021.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BULAWAYO, Noviolet. *Precisamos de novos nomes*. Tradução de Adriana Lisboa. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós- modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.
- HAREL, Simon. Les Mal-logés de l'écriture migrante: trauma et mémoire du lieu dans Les raisons de la honte d'Ata Pende. *Essays on Canadian Writing*, Alberta, n. 80, p. 282-304, Fall, 2003.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância*. Da Idade Média à Época contemporânea no ocidente. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2004.
- KUREK, D.L. Ensaio sobre um sentido da infância e possíveis relações com a docência. *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul: Pesquisa em Educação e Inserção Social*. 2008, Itajaí. Anais... Itajaí, 2008. 1CD-ROM.
- MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*. Montreal: VLB, 2005.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

### **Shirley de Souza Gomes Carreira**

Doutora em Literatura Comparada pela UFRJ e Professora Adjunta do Curso de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Docente permanente do Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ.

É líder do Grupo de Pesquisa Poéticas da Diversidade(CNPq) e Bolsista do Prociência UERJ/FAPERJ.

E-mail: [shirleysgcarr@gmail.com](mailto:shirleysgcarr@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7147623689731561>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>